

Reportagem na Escola Damião de Góis

## Um ano com um currículo alternativo

Foi há cerca de um ano e meio que o despacho 22/96 da Secretaria de Estado da Educação e Inovação determinou que "é permitida a criação de turmas com currículos alternativos aos do Ensino Básico Regular ou Recorrente". O despacho foi apresentado como uma medida que vinha na sequência da legislação recente sobre a compensação educativa e os apoios pedagógicos, e foi rodeado de alguns cuidados: qualquer experiência deste tipo exigia um projecto prévio fundamentado e o controlo do Conselho Pedagógico e de um Conselho de Acompanhamento. Apesar disso, o despacho 22 suscitou uma acesa polémica. Alguns viam-no como uma medida inevitável de combate à exclusão escolar dirigida para grupos específicos de alunos através da utilização de pedagogias diferenciadas. Outros apontavam os perigos de se isolar estes alunos em relação aos seus colegas do ensino "regular" e as eventuais dificuldades que surgiriam



mais tarde na hipótese de reintegração nos currículos "normais".

Enquadradas pela nova legislação, algumas turmas de diversas escolas iniciaram em 1996/97 projectos de currículos alternativos. Para sabermos o que se passou numa delas (que balanço faziam professores e alunos ao fim de um ano, que perspectivas tinham para o futuro?), visitámos a

Escola Básica 2/3 Damião de Góis, em Lisboa, onde uma experiência deste tipo funcionou com uma turma do 5º ano. Entrevistámos Isolina Oliveira (coordenadora do projecto, directora de turma e professora de Matemática), Vitor Henriques (professor de História) e ainda quatro alunos.

A reportagem foi conduzida por Maria José Bóia e Paulo Abrantes.

### "Os s'tores são melhores e fazemos mais passeios"

Antes da visita, tínhamos uma ideia geral da origem e desenvolvimento da experiência e conhecíamos a legislação que a enquadra. Na escola, o primeiro passo seria uma conversa com um grupo de alunos da turma, seguindo-se uma entrevista com o professor de História e, finalmente, com a professora de Matemática.

Falámos com quatro alunos durante cerca de 45 minutos. Tinham concordado com a conversa, a pedido da directora de turma, e não puseram problemas pelo facto de usarmos um gravador. Eram três rapazes e uma rapariga, com idades entre 14 e 15 anos, matriculados no 5º ano pela terceira ou quarta vez. Nos anos anteriores, faltavam muito às aulas e, nalguns casos, acabavam mesmo por desaparecer. Muitas vezes andavam

na escola ou nas imediações mas não chegavam a entrar na sala de aula.

A escola fica situada em Chelas, rodeada de bairros com problemas sociais graves. Desemprego (agora temporariamente menos com as numerosas construções na zona oriental da cidade por causa da Expo 98), muitas famílias monoparentais, jovens com muitos irmãos, por vezes de idades muito diferentes, que passam a maior parte do seu tempo na rua.

A conversa com os alunos foi difícil. Respostas curtas, inacabadas, constantemente interrompidas por uma piada de um colega, modos impacientes. Um dos rapazes não parava de rodar a cadeira, mesmo quando uma pergunta lhe era dirigida. Outro mexia no gravador de 30 em 30

segundos. Mesmo assim, foi claro que haviam gostado muito mais da sua experiência escolar este ano. "A turma é especial", explicou um. "Os s'tores são melhores e fazemos mais passeios", justificou um colega, embora outro tenha logo acrescentado: "só que há professores que a gente não gosta nada". Quanto à Matemática, havia unanimidade: "é fixe", "é ótimo", "eu gosto".

Apesar de admitirem que a situação melhorara em relação aos anos anteriores, adiantavam que muitos alunos "não querem vir à escola". As explicações eram várias e apresentadas de um modo incompleto, por vezes através de frases que não acabavam e em que alguma coisa (que não era para revelar) ficava subentendida:

“Um, não admira, com o que lhe fizeram aqui uma vez”.

“Vão aos pêssegos, os homens é que plantam aquilo e eles é que vão comer”.

“Um deles já foi suspenso uma ou duas vezes. Já cá veio a polícia e a mãe dele para lhe baterem”.

A jovem do grupo contou, em relação a um outro aluno da turma: “Eu só lhe mandei com a tesoura”. E perante a nossa observação — “podias tê-lo aleijado” — respondeu: “Era mesmo para aleijar. Quem é que ele pensava que eu sou, a irmã dele ou quê?”.

Fizemos algumas perguntas sobre as famílias destes alunos, com o propósito de criar um ambiente mais informal e amigável. Porém, o tom geral do discurso não mudou. Um dos alunos revelou que tinha irmãos mais velhos e que até já tinha vários sobrinhos. Mas quando lhe perguntámos o que faziam os irmãos, respondeu que não fazia a menor ideia.

Perspectivas para o futuro, há poucas. A aluna queria tirar um curso de informática ou trabalhar com crianças. Um dos rapazes gostaria de trabalhar por conta própria, em pastelaria, que parecia ser uma tradição de família. Os outros não tinham qualquer aspiração.

Apesar de tudo, estes alunos não foram hostis connosco e pareceu-nos que, à sua maneira, reconheciam o esforço da escola e de alguns professores para os envolver em actividades mais interessantes do que as da habitual rotina escolar. Os “passeios” — isto é, as visitas de estudo (algumas a centros profissionais) — e uma melhor relação afectiva com os professores eram os traços mais visíveis de uma experiência escolar diferente da dos anos anteriores. Ficámos com a impressão de que se tinha dado um ou dois passos contra o abandono escolar mas que havia ainda um longo caminho a percorrer, cheio de obstáculos e dificuldades. As conversas posteriores com os professores esclareceram muitas coisas e ajudaram a equacionar diversos problemas.

### “A vida para eles tem sido tão avara”

Isolina Oliveira é a coordenadora do projecto e directora de turma. É também a professora de Matemática.

EM - Como é que começou a experiência?

IO - No ano anterior havia um grupo de alunos que professores e Directores de Turma sentiam que estavam desinteressados e desmotivados da escola. Como Coordenadora, ia ouvindo os Directores de Turma e os professores a queixarem-se. Com o grupo de quatro professores com quem tinha em comum a mesma turma, onde havia dois destes miúdos, começámos a pensar que já estávamos habituados a trabalhar com eles de uma maneira diferente e que podíamos experimentar juntá-los todos e arranjar o resto dos professores, que quisessem. Isto foi logo ponto assente, os professores que quisessem trabalhar com estes miúdos tinham que ser voluntários, não podíamos obrigar nenhum professor. O outro ponto era que tínhamos de ter uma sala só para estes miúdos. O terceiro era que os professores tivessem no horário duas ou três horas comuns para reunirem semanalmente.

A ideia começou lá para Março [de 96] e, em Abril, começámos a fazer reuniões e a ver quem é que havíamos de contactar. A ideia foi nascendo mas começámos logo a perceber que tínhamos de alterar alguma coisa, não só em termos de metodologia, na relação com os alunos, mas se calhar também na parte curricular. Nessa altura não havia o despacho 22, mas se nós íamos alterar alguma coisa, tínhamos de garantir aos pais que aqueles miúdos, porque estavam a trabalhar num currículo diferente, quando saíssem do 6º ano tinham um diploma. E, portanto, contactámos a DREL que nos disse: “façam o projecto e fundamentem-se naquele despacho do ensino recorrente”. Claro que nós não queríamos trabalhar com os programas do ensino recorrente. Queríamos trabalhar com o programa do Básico em vigor.

Fizemos o projecto e levámo-lo ao Pedagógico. Nessa altura já tínhamos o grupo dos professores, o que, pelo menos para mim, era o aspecto mais importante, era ter pessoas disponíveis para trabalhar com aqueles miúdos. Foi aprovado em Conselho Pedagógico e enviado à DREL, que disse que sim.

Entretanto, em Maio ou Junho, sai o despacho 22 e telefonam-nos para a escola a perguntar se nós queríamos refazer o projecto e enquadrá-lo no despacho 22. Claro que nós quisemos logo, já que havia um despacho que estava muito de acordo com o que nós queríamos, porque o despacho 22 prevê uma componente artística, vocacional e pré-profissional que nós já tínhamos pensado para estes miúdos. Já estava inicialmente no nosso projecto fazer visitas a ateliers, a centros de formação profissional, para eles começarem a contactar com o mundo do trabalho, para verem porque é que a escola é precisa. Não cra, digamos, pensar em termos de lhes conferir uma profissão. Era para que eles se apercebessem que, no mundo do trabalho, são precisas coisas que se aprendem na escola. Por outro lado, havia a dimensão social, que eu acho que o 22 confere ao projecto, que é evitar o abandono escolar. A nossa motivação para o projecto foi a de que estes miúdos ficassem, pelo menos, com a escolaridade básica.

EM - Vocês já tinham decidido que seriam 15 alunos?

IO - Tínhamos, no nosso projecto já tínhamos 15, o que coincide com o que vem no 22.

EM - Como é que foi feita a selecção dos miúdos?

IO - O facto de ser Coordenadora dos Directores de Turma facilitou-me o trabalho. Numa reunião, disse que havia um grupo na escola que estava a pensar avançar para uma experiência e que queríamos trabalhar com aqueles miúdos, que estavam em risco de abandonar a escola, ou

porque não gostavam da escola, ou porque tinham tido muitos conselhos disciplinares, ou porque não dão qualquer tipo de problemas, mas são de uma grande apatia, até um bocado depressivos. Pedimos aos Directores de Turma que nos fizessem uma listagem desses alunos e que nos marcassem entrevista com os seus Encarregados de Educação.

Nesta altura, tive o apoio da professora de Educação Especial (a escola não tinha psicóloga) e fizemos uma entrevista aos pais. Aquilo não era bem uma entrevista, era "nós vamos fazer isto, o que é que acha?". Claro que os pais nem sequer punham a questão de eles terem diploma ou não, mas nós dizíamos que estávamos a fazer uma experiência com eles com o aval do Ministério e que, portanto, se fizessem connosco o 6º ano teriam à mesma o diploma. Portanto, em relação a isso não havia problema, mas queríamos um certo compromisso da parte deles. Sendo miúdos que os próprios pais tinham dito que não gostavam da escola, também não sabiam muito bem o que é que haviam de fazer. A Casa Pia não os queria, alguns destes tentaram a Casa Pia ...

EM - Houve uma espécie de pré-selecção...?

IO - Convocámos os pais de todos os alunos que os Directores de Turma nos indicaram. Foram estes que apareceram. Portanto há outros que poderiam estar aqui no projecto e não estão, não porque não precisassem. A escola tinha feito um estudo e eram à volta de trinta os alunos que nós achávamos que estavam em risco de abandono.

EM - Como se organizaram?

IO - Ainda em Julho, quando a equipa já estava formada e tínhamos a certeza de que o projecto ia para a frente, começámos a reunir para olhar para os currículos. O Português, a Matemática, as Ciências, como é que nós podíamos dar uma volta àquilo? Um bocado baseado na experiência das pessoas na área-escola, começou-se a pensar que, se

calhar, o melhor era trabalhar com estes miúdos na base de ideias, de temas, de projectos, mas coisas curtas, porque eles são miúdos que não conseguem levar as coisas durante muito tempo, abandonam com facilidade.

Começámos a pensar nos temas, aquilo deu imensa discussão. Que temas é que eram mais interessantes? Como a gente não se conhecia bem, os professores e os alunos, a colega de Inglês propôs que o primeiro tema podia ser à volta de "quem somos nós?" Então vamos trabalhar tudo o que tenha a ver connosco, nós, quem somos nós, eu, tu, ele. Depois podemos alargar para a família, podemos alargar para a comunidade mas, para já, vamos-nos conhecer. Acabou por ficar muito restrito a nós. De facto, no 1º período não avançámos muito para além disso, porque é tão difícil conhecer aqueles miúdos... No princípio, andámos para aí à volta de um mês a trabalhar com eles, quase só tipo atitudes, comportamentos, coisas assim, que tinham muito pouco a ver com conhecimentos. Há trabalhos deles que estão na escola e que guardámos porque no final queremos fazer uma exposição na sala deles com todos os trabalhos que fizeram que têm a ver com este tema.

Para o segundo período começámos a pensar o que é que poderia ser agregador e então pensámos que, já que estávamos a falar de nós, poderíamos avançar para aquilo que nos rodeia, e o que nos rodeia é uma sala de aula. Para começar, há um espaço e o tema espaço dava para trabalhar em várias disciplinas. Todas as disciplinas acharam que era possível nos seus currículos trabalhar coisas ligadas ao espaço e, portanto, era um bom tema, que podia ser agregador para isto tudo. A questão era: que espaço é que temos? que espaço é que queremos? E a ideia era: vamos partir da sala de aula porque queremos que eles gostem da sala de aula, que a tratem como qualquer coisa que é deles. Foi então o período em que nós arranjámos os armários para a

sala... Tudo assim, mais ou menos ligado.

Começámos a pensar o que é que haveria de ser para o 3º período. Já conhecíamos alguns dos miúdos porque até já os tínhamos entrevistado e, como a maioria eram rapazes, todos gostavam de futebol. Para não ser só futebol, que desporto? Então, pensámos nós, vamos, no 3º período, trabalhar com eles sobre o desporto. A ideia era: que desporto temos? Como há muitos jornais desportivos e havia muitos dados, achei que, no caso da Matemática, se podia ligar muito bem à Estatística. Também podia trabalhar sobre os testes de condição física, que iriam fazer na Educação Física. Miúdos destes, tudo o que tenha a ver com desporto lhes interessa e, aliás, viu-se, estão lá montes de trabalhos feitos ligados ao desporto.

EM - Nós percebemos que vocês tinham feito os horários de maneira a terem duas horas seguidas várias vezes, em várias disciplinas...

IO - Eu, por exemplo, no caso da Matemática, queria ter duas horas seguidas com eles e, portanto, este foi outro pedido que nós fizemos no Conselho Directivo. Além disso, aumentámos a carga horária em Educação Física, Desenvolvimento Pessoal e Social e EVT, mantivemos em Matemática e em Português e diminuímos nas Ciências, no Inglês e na História.

EM - Como é que tu resumirias, na generalidade, as ideias fundamentais em que assenta o projecto?

IO - Por um lado, a ideia de interdisciplinaridade. Por outro, a preocupação da formação vocacional, pré-profissional, que se traduziu depois em muitas visitas. Os miúdos fizeram muitas visitas, umas três por período, que envolviam Centros de Formação Profissional. Mas também os levámos, por exemplo, ao Museu do Azulejo, não para visitar o museu, mas para trabalhar num atelier. Também os levámos aos ateliers pedagógicos do Centro Cultural de Belém e temos ainda prevista uma

visita ao Parque Ecológico de Monsanto, onde vou eu, o professor de História e a professora de Ciências da Natureza. Estas visitas foram sempre preparadas com eles, principalmente as disciplinas que iam depois aproveitar alguma coisa dali. Também íamos previamente aos locais falar com as pessoas, explicar que tipo de miúdos é que eram e o que é que nós pretendíamos. Por exemplo, no Museu do Azulejo, as monitoras ficaram sensibilizadas para aquele tipo de miúdos e tinham tarefas previstas para eles.

A terceira ideia subjacente a este projecto era a relação afectiva com eles. É por isso que tínhamos de ser professores voluntários, que não ficássemos amachucados com o que eles dizem, com determinado tipo de atitudes que estes miúdos têm, que é o palavrão, que é a agressividade. Devo dizer-vos que passámos metade das reuniões ao longo do ano a discutir isto, por estranho que pareça... Muitas vezes o princípio da reunião é a catarse, nós dizermos o que acontece... e depois é que vamos trabalhar as visitas de estudo, ou os programas.

EM - Já disseste que reúnem uma vez por semana, no mínimo. E que apoios é que têm?

IO - O Conselho Directivo desde o princípio. Quando começámos a pedir materiais — é evidente que com estes miúdos tinha de ter sempre à mão aqueles materiais essenciais, as tesouras, as cartolinas, os lápis, as borrachas — e os armários, tivemos sempre apoio do Directivo. Depois há os outros tipos de apoios que são fundamentais... Olha, tivemos o apoio da professora de Ensino Especial que fez os contactos com os Centros de Formação e que preparava previamente as visitas com os miúdos. Chegaram a fazer 3 dias no Centro de Formação e, portanto, tinham que ter sempre actividades diversificadas. Estes miúdos nunca aguentam coisas iguais por muito tempo, cansam-se com facilidade e têm dificuldades de concentração. Portanto, tinha de se fazer sempre esta preparação prévia.



Também a DREL, a partir de certa altura, começou a fazer reuniões periódicas com todos os professores que estão a trabalhar com turmas de currículos alternativos e desenvolveu acções, uma sobre gestão curricular e outra sobre desenvolvimento de competências sociais e outras estão previstas para o próximo ano.

Só agora temos psicóloga. Conversei com ela e para o ano vamos integrá-la.

EM - Este projecto dura só para o 2º ciclo, ou tem depois continuação?

IO - É por ciclo, neste caso, 5º e 6º anos. A nossa ideia é que alguns destes miúdos continuem connosco no 3º ciclo e, portanto, nesta perspectiva do currículo alternativo. Alguns dos mais velhos, que terão 16/17 anos, se calhar, entrarão num centro de formação profissional, provavelmente num destes que andámos a visitar. Isso também foi um objectivo, estarem dentro das actividades que lá existem e poderem pensar no que é que eles gostariam mais de fazer. Por outro lado, auscultar os Centros para ver se seria possível, a partir do 6º ano, integrar dois, três destes alunos.

EM - Podes falar um pouco no programa da matemática?

IO - Eu peguei no programa do 2º ciclo e não me preocupei muito com o 5º ano e o 6º ano. Por exemplo, no 2º período, os miúdos tinham, na altura, com a professora de Ciências, um jardim na escola que eles cuidavam. Aproveitei a história do jardim para

trabalhar as áreas, perímetros, fazerem um desenho do jardim à escala, etc.. Introduzi a percentagem, que não está no programa nesta sequência. A divisão surge permanentemente, de repente lá vai a divisão ali pelo meio, estás a perceber? Eles acham que não sabem dividir... Por exemplo, as fracções surgiram quando estávamos a falar, já não sei de quê, em que era preciso dividir qualquer coisa ao meio. Nessa altura, trabalhei o conceito de fracção. Não estive com a preocupação de seguir como está no programa, mas tenho à partida pensado o que vou trabalhar. Por exemplo, quando os miúdos vão trabalhar os canteiros, introduzo os triângulos, mas posso aproveitar outras ocasiões que surjam para o fazer. Eu penso que vou acabar por trabalhar todos os conteúdos do programa.

EM - Do ponto de vista dos conteúdos, a gestão curricular é bastante flexível. Agora do ponto de vista das formas de trabalho na aula, não estou a imaginar que sejam muito expositivas.

IO - Em princípio, os miúdos trabalham em grupos. No entanto, com aqueles miúdos, 4 num grupo são demais. São grupos de dois ou de três, ou individuais, porque nós temos miúdos que não querem trabalhar com ninguém. Esses trabalham individualmente. Como há muita liberdade na gestão do espaço, se fores à sala, vês, por exemplo, uma mesa num cantinho, que é daquele que falta muito e

portanto está sempre um bocado desfazado dos outros, é um dos tais apáticos que diz isto assim: "eu não venho à escola, só venho quando me apetece". Agora já vem à escola, porque... não vê porque é que não há-de vir, até se dá bem com aqueles professores com quem ele pode conversar e que até lhe têm resolvido problemas, por exemplo, levá-lo ao médico ou tratar-lhe do lanche no dia do passeio quando foram à serra de Sintra. Porque é que ele também não há-de ir? É mesmo assim. Esse miúdo, por exemplo, só trabalha individualmente. Nunca consegues pôr aquele miúdo a trabalhar em grupo. Os colegas também não o querem porque, como ele está desfazado, não sabe nada. Muitas vezes, em Matemática, estão os outros a trabalhar e eu sozinha a trabalhar com ele, para ele poder andar mais depressa.

Um dos problemas que ainda não conseguimos ultrapassar é que, quando eles estão a trabalhar dois a dois ou três a três, conseguem trabalhar um bocado sozinhos, mas passado um pouco já estão a pedir o professor, porque acham que o professor é que sabe, que o que está ao lado sabe tanto como ele. Portanto, porque é que vai trabalhar com alguém que é como ele? Eles querem é o professor. Ainda não conseguimos tornar aqueles miúdos autónomos. É a nossa aposta para o ano, ver se conseguimos pôr aqueles miúdos a trabalhar mais sozinhos.

EM - E a avaliação. Como é que vocês fazem a avaliação?

IO - Foi discutido com eles, logo no primeiro período, que todos os trabalhos que fizessem eram avaliados e como é que era feita essa avaliação. Por outro lado, havia a questão das atitudes. É uma coisa que não foi bem conseguida. Criámos com eles um instrumento para avaliar atitudes. Os professores tinham uma grelha que era preenchida pelos miúdos no fim da aula. Depois, o professor levava-a para casa e punha ao lado qual era a avaliação que ele achava. A classificação era de 1 a 5 e foi-lhes explicado os tipos de compor-

tamento correspondentes ao 1 e ao 5. Eu acho que eles sabem mais ou menos funcionar com isto, mas é engraçado, havia miúdos que se sobrevalorizavam. Para eles, no fim de uma aula, se tivessem atirado coisas 3 ou 4 vezes - e atirar coisas é "empresta-me aí uma caneta!" e aí vai a caneta pelo ar - punham 4 ou 5. É claro que isto tinha de ser discutido com eles, porque o 4 ou o 5, dizíamos nós, era para o miúdo que atirou uma vez ou que nunca atirou. Também tínhamos os miúdos que faziam este tipo de avaliação impecável.

Segundo a DREL, a avaliação não é quantitativa, é qualitativa. Nós construímos umas fichas com um carácter muito descritivo que foram explicadas aos pais e aos miúdos. Nós estavamos à espera que os miúdos achessem aquilo o máximo, mas não acharam nada. Por isso é que nós, no 2º período, e eu disse isso na reunião, na DREL, pensámos que tínhamos que avançar para o nível e não só eu, mas também outros colegas de outras escolas. Para estes miúdos que têm poucas normas, poucas referências, o número é um boa referência para eles. E quando era na avaliação das atitudes isso era notório, porque avaliar atitudes assim, sem atribuir níveis, fica muito no ar. A gente dizia "não, atiraste a caneta mais de 3 vezes, eu vi, e por isso não podes ter um 4 ou um 5". Agora se eu dissesse foi mau, foi positivo, foi negativo isto ficava muito nebuloso. Assim não, era um número e eles sabiam que o 3 correspondia a alguma coisa, que o 4 correspondia a outra coisa e que o 5 correspondia a uma coisa diferente, estás a ver? Isto para nós foi, em certa medida, uma surpresa. Quando estivemos com eles a ler a avaliação descritiva, a primeira pergunta que eles faziam era "está bem, mas isso a que é que corresponde? É um 3, um 4, um 5, ou é um 2?".

EM - Se vocês derem níveis, para aqueles que têm níveis positivos é agradável, mas para os outros?

IO - Para os outros essa questão põe-se. Aliás, eu penso que uma das razões porque até agora tem sido

qualitativa e descritiva é porque, como isto é um projecto de dois anos, os miúdos não reprovam do 5º para o 6º ano. Nós sempre dissemos, desde o princípio, que era para trabalharmos dois anos. Tanto que há um aluno, que é o único que eles acham que é fraco e que se calhar não devia ir para o 6º ano, dizem eles. E nós dizemos: "Não se esqueçam que isto é um projecto de dois anos! Reparem que ele está a começar a vir e está a gostar, para o ano ele pode recuperar imenso. Alguns estão aqui e só aproveitam metade da aula, portanto ele pode recuperar imenso!".

EM - Mas diz-nos lá, como é que são estes miúdos, como alunos, que diferenças lhes encontras em relação aos outros?

IO - A primeira para mim é esta, são miúdos desmotivados. De um miúdo que no ano passado, pura e simplesmente, deixou de vir à escola a meio do ano, diz-me agora a mãe assim "Olhe senhora doutora, eu não sei, só sei que este ano ele se levanta para ir à escola e no ano passado não o conseguia levantar". E não vinha e a mãe sabia que ele não vinha à escola. O que ficava a fazer em casa? Ficava a dormir, depois levantava-se, ia ter com a mãe ao café e por ali ficava. O miúdo, este ano, já disse que quer continuar. Portanto, aquilo que é comum a todos é uma desmotivação muito grande em relação à escola e às aprendizagens. Depois, é a desconcentração. Tu só consegues falar bem com aqueles miúdos, quando estás sozinha com eles. Basta estarem dois, para já estarem completamente distraídos e a implicar um com o outro. A relação com o outro é má, aqueles miúdos falham a nível da competência social, não sabem relacionar-se uns com os outros. Apesar da maioria não ser de alunos com dificuldades de aprendizagem, tenho dois ou três que têm, não conseguem aprender. É uma coisa terrível, quem está de fora há-de achar que isto é tão simples, mas de facto é difícil, porque tudo serve para eles se desconcentrarem. Mas se tu estiveres sozinha com um deles

consegues estar uma hora a falar com ele. Consegues perfeitamente, das coisas mais variadas. É assim que eu vou sabendo coisas da vida deles. Problemas familiares e sociais, é mais ou menos uma característica comum a todos. Quando falamos com os pais acham muito bem que os filhos frequentem a escola, mas também

eles não gostam da Escola e portanto há neles uma certa aceitação - "eu gostava que ele andasse cá, que não tivesse só a 4ª classe, que tivesse mais estudos, eu até lhe digo que é preciso para tirar a carta... mas, ele não gosta!". Depois temos aqueles miúdos que são de facto hiper-ativos, que nunca estão quietos.

Basta dizer que alguns destes miúdos dormem 3 a 5 horas. Como é que estes miúdos podem? Isto são problemas que não têm só a ver com a escola. Temos ainda os outros miúdos que do ponto de vista psicológico têm características depressivas, baixa auto-estima. A vida para eles tem sido tão avarenta...

### "No ano passado, por esta altura, já tinham desaparecido"

Vitor Henriques é o professor de História. Na conversa que com ele mantivemos, começou por fazer comparações com a experiência que teve em 81/82 na Escola Manuel da Maia com alunos que viviam no Casal Ventoso.

VH - Na nossa escola, eu apanhei o combóio um pouco em andamento. Cheguei aqui em finais de Setembro, princípios de Outubro, e tive que entrar no esquema que estava já montado. Lá, trabalhávamos de uma maneira um pouco diferente. As aulas, eram planificadas e dadas em conjunto, os professores conviviam mais com os alunos, acompanhavam-nos, comiam com eles, iam a casa deles.

Estes miúdos, aqui, de um modo geral, ainda não conseguiram uma relação de empatia com os professores. Eles ainda não sentem a necessidade da escola, ou da aula. E enquanto isso não for conseguido é escusado, não há volta a dar.

EM - E em termos de organização do currículo?

VH - Na Manuel da Maia, privilegiávamos as disciplinas de Educação Física, Educação Musical e Trabalhos Manuais, que são disciplinas que os motivam mais. Eles tinham Educação Física todos os dias. À medida que o tempo foi passando, fomos equilibrando a carga horária. A partir do momento em que começámos a sentir que "tínhamos os miúdos na mão" começaram a ter mais aulas de Matemática e Português, embora tivessem sempre mais horas de Educação Física. Porque estes miúdos gostam muito é de mexer, de fazer.

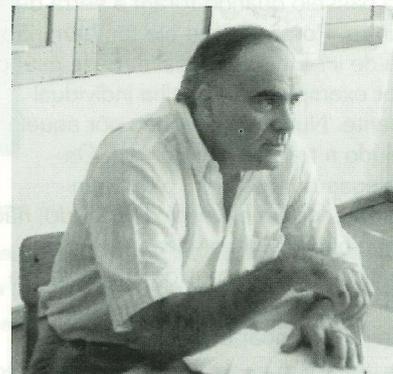
EM - Aqui não fizeram esse tipo de opções?

VH - Aqui não fizemos as mesmas opções mas, também, esta escola não tem as condições que tinha a Manuel da Maia, naquele tempo. Porque, por exemplo, nós este ano já chegámos à conclusão de que os trabalhos de EVT são fundamentais para estes miúdos mas, aqui, não temos uma sala, onde possamos desenvolver, por exemplo, os Trabalhos Oficinais, os Têxteis, a Carpintaria, o Barro, o Ferro. Estamos a pensar, aliás a Isolina é que teve a ideia, de, para o ano, tentarmos fazer 3 ou 4 grupos com estes miúdos, em que uns estão na Informática, outros nos Têxteis, outros no Barro, ao mesmo tempo, mas em espaços separados, porque 15 miúdos destes a trabalharem, ao mesmo tempo, é impossível. São áreas que nós precisamos muito de desenvolver com eles, porque são áreas que os atraem.

EM - Duas horas semanais são suficientes para planificar o trabalho com os outros professores da turma?

VH - Aqui temos duas horas por semana que são mais para fazer balanços, para saber como é que correu a semana, quais os problemas que apareceram...

Na Manuel da Maia, nós só trabalhávamos com aqueles alunos. Tínhamos mais horas de reunião para a planificação, porque planificávamos e dávamos as aulas em conjunto, por temas. Aqui, tenho as outras turmas para completar o horário. É óbvio que não podemos exigir que, numa situação destas, só tivéssemos esta



turma. Se houvesse duas ou três turmas de currículos alternativos ainda se podia pensar na hipótese... aquele grupo de professores trata só dos currículos alternativos. Mas eu ainda não pensei se isto será muito correcto ou não.

EM - Aqui, esses temas são tratados mais isoladamente...

VH - São. É óbvio que eu fiz um programa para a minha disciplina, mas fiz um programa para seleccionar conteúdos, aqueles que eu considero mais significativos para estes miúdos. E os outros professores fizeram um pouco assim.

Não há um grande trabalho de interdisciplinaridade mas, por exemplo, quando falei no clima tive que tratar os gráficos e a Isolina, na Matemática, concordou em fazer com que o assunto coincidissem...

EM - Como é que caracteriza estes alunos?

VH - São todos daqui, do bairro de Chelas. Alguns, do antigo Parque do Relógio. São miúdos que faltavam muito, que abandonaram a escola, que tinham 4, 5, 6 processos disciplinares durante o ano. Temos ali um conjunto

de miúdos que o que queriam era trabalhar, porque têm alguma necessidade de dinheiro, têm alguns vícios já... Apesar de trabalharem um pouco à parte, acabam por conviver com os outros miúdos. E, parecendo que não, um miúdo tem 15, 16 anos bem vividos, quando anda com miúdos de 9, 10 anos é óbvio que a escola já não lhes diz muito.

Mas, acima de tudo, o grande problema destes miúdos é serem de famílias desestruturadas, muitas monoparentais. Há muitos problemas de droga, violência, alcoolismo, desemprego. Praticamente não há nenhum miúdo que não tenha um problema destes e é óbvio que esses problemas vêm aqui para a escola. Nós, muitas vezes, tentamos resolver problemas aqui, que a escola não tem meios para resolver, porque são problemas sociais, não são problemas criados na escola, só que eles aparecem-nos aqui e temos que lhes dar alguma resposta.

E há outra coisa, nós só temos uma turma de currículos alternativos, mas se quiséssemos arranjar duas ou três turmas de miúdos idênticos a estes nós também arranjávamos, matéria prima não falta...

EM - Têm psicóloga ou assistente social?

VH - Esta escola integra a experiência dos TEIP os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, e só por esse facto é que, agora, foi cá colocada uma psicóloga. Esta colega tem 4 escolas a cargo dela, repare que são aí dois mil e tal alunos. O papel dela é, fundamentalmente, ao nível da orientação escolar para os alunos que acabam o 9º ano. Aqui e na Verney, que são as duas escolas que integram os TEIP, só para a orientação escolar e profissional ela não chega. É a tal questão, diz-se, por exemplo, que 20% ou 30% das escolas do país estão cobertas pelos serviços de Psicologia e Orientação. Estão, desta maneira! E é óbvio que uma psicóloga não pode dar resposta aos problemas de 2500 alunos, porque são muitos. É esta escola, a Luís António Verney e

mais duas escolas do 1º ciclo. E só esta escola do 1º ciclo, a nº 9, que está aqui ao lado, tem 400 alunos, é uma escola grande. É óbvio que não dá. Volta não volta, a Isolina vai lá, fala com ela, a pedir uma observação...

EM - E assistente social?

VH - Não há.

EM - Mas parece que devia haver uma pessoa que fizesse uma certa ligação ao meio do aluno.

VH - Pois, isso não há mesmo. O serviço de Psicologia e Orientação, em princípio, devia ter três elementos: o psicólogo, o orientador escolar e um assistente social. Isto é que é a equipa completa que está prevista deste 91. O problema é que, geralmente, só temos um ou dois elementos, raras são as escolas em que há os três. E nós aqui não temos a assistente social, o que na nossa escola era fundamental. Muitas vezes, o que acontece é que não há ligação entre a escola e a família e, de alguma maneira, as pessoas aceitam melhor a assistente social do que o psicólogo ou o professor a ir a casa deles.

EM - Nós estivemos meia hora com os alunos e pelo que pudemos perceber não deve ser nada fácil lidar com eles.

VH - É como eu costumo dizer, três horas com estes miúdos equivalem a seis ou sete com os outros. Eu quando saio de uma aula com estes miúdos venho cansado... porque é uma tensão grande em que se tem de estar sempre. E mesmo assim, ninguém está livre de, no meio de uma aula, um deles se voltar para trás e pregar um estalo no outro. Para os controlar e para eles estarem com um mínimo de atenção e de concentração tenho que fazer um esforço muito grande.

EM - No seu entender, até que ponto os currículos alternativos conseguem responder a estas situações?

VH - Eu acho que se consegue fazer alguma coisa se os professores que integram os currículos alternativos lá estiverem voluntariamente e com vontade, mas o problema é que os

miúdos andam um ano, dois anos com currículos alternativos e depois? Acabam-se os currículos alternativos e o que é que vão fazer? Esses miúdos vão ter muita dificuldade em se integrarem nas turmas ditas normais, a não ser que se consiga fazer um trabalho quase exemplar e que ao fim de dois anos os consigamos integrar. Depois vai ser um problema, porque quando eles saírem daqui e forem para as outras turmas, é óbvio que os outros professores não podem ter com eles os mesmos cuidados.

EM - Mas não está previsto que eles continuem até ao 9º ano?

VH - Em princípio, estes irão até ao 6º ano, que é o que está previsto.

Depois não se sabe o que vai acontecer. Se nós conseguíssemos motivá-los para o 9º ano, poderíamos tentar a experiência. Penso que o Ministério aprovaria que se continuasse. Mas a estabilidade do corpo docente era importante. Obviamente que, este ano, temos todos de fazer um exame para ver o que é que fizemos e o que é que não fizemos, o que é que falhou. Se, para alguns professores, é uma violência irem para estas aulas, teremos de arranjar outros professores que queiram continuar. Depois, se conseguirmos mobilizar os miúdos e incentivá-los até ao 9º ano, isso seria óptimo. Se acabarem no 6º ano eu não tenho dúvidas nenhuma que os miúdos se perdem. E se nós não os conseguirmos encaminhar para cursos profissionais, ou pré-profissionais, ou Casa do Gaiato, ou Casa Pia, onde têm outras condições para trabalhar, de certeza que eles se perdem.

EM - Em termos de balanço...

VH - Uma coisa é certa, a generalidade dos miúdos desta turma não abandonou a escola, estão cá e no ano passado já tinham desandado há uma data de tempo. Nisso, nós conseguimos alguma coisa, conseguimos que eles venham às aulas, umas mais, outras menos, mas, em princípio, vêm. No ano passado, por esta altura, já não estavam cá, já tinham desaparecido da escola. ■